TERRITÓRIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: O ENTRE-LUGAR DA CULTURA

Vânia Fortes de Oliveira – UNIFRA

O presente artigo constitui um recorte de uma pesquisa que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, na linha de pesquisa Formação de Professores e Desenvolvimento Profissional.

O trabalho tem como objetivo contribuir com subsídios teóricos - epistemológicos para a formação de professores, a partir do entrelaçamento entre cultura e educação, refletindo sobre o papel da cultura na formação do professor.

Pensar a cultura na educação e, mais especificamente, na formação docente, assume aqui um caráter de fuga da razão instrumental[1] e aproxima-se do que Foucault (1985) designou como um cuidado de si[2]. A cultura passa então a ser pensada enquanto um entre-lugar em que a relação com o saber se institui através de uma relação com a vida - como forma de ser e habitar no mundo (Hell, 1989).

O conceito de cultura é desenvolvido em acordo com o pensador Indu-britânico Homi Bhabha. Este autor trabalha com o conceito através da idéia dos diferentes aspectos que constituem a cultura, das diferenças culturais, que dão origem ao que define como um entre-lugar.

Segundo Bhabha (2003, p.20), "a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais" é o que define os entre-lugares. Tal conceito se mostra como uma

[1] Para Trevisan (2000) a razão instrumental na educação apresenta-se como um processo, decorrente de uma sociedade globalizada por meio da tecnologia. Deste modo, perdem-se outras dimensões da vida humana, que necessitam serem recuperadas pela própria educação.

[2] "Pode-se caracterizar brevemente essa 'cultura de si', pelo fato de que a arte da existência – a techne bidiou sob as suas formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso 'ter cuidados consigo'; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda seu desenvolvimento e organiza sua prática' (Foucault, 1985, p.49)".

nova configuração e organização dos indivíduos na cultura, partindo da idéia de pluralidade cultural. A cultura é, portanto, tudo aquilo que nos habita e não podemos ser pensados fora dela.

Para exemplificar este conceito, o autor toma como referência as pessoas que migram para diversos países e que, através da diversidade, criam uma cultura que está entre o que se estabeleceu como uma cultura pura daquele país, construindo um novo território de existência. Deste modo, a cultura se apresenta como um lugar de instabilidade, de movimento, de processo, de hibridismo.

O campo da formação é amplo e pode ser pensado a partir de diferentes perspectivas. Deste modo, utilizo tal conceito a partir de Nietzsche, entendendo que a mesma se dá de uma forma particular e que se trata de uma "produção de diferença entre o que somos – e agora estamos deixando de ser – e aquilo que viremos a ser e que sem dúvida nos é desconhecido" (LARROSA, 2005, p.79). Trata-se de um processo que ocorre no decorrer de toda a existência e encontra-se ligado à produção de sentido, sendo identificado nos processos se singularização – na forma em que os sujeitos se apropriam de elementos da cultura, re-significando-os.

O conceito de formação docente refere-se aos diferentes saberes responsáveis por aquilo que entendo como processo de formação, sendo esta dividida em formação pessoal, constituída dos saberes pessoais, e a formação profissional, compreendida pelos saberes técnicos da profissão.

Os saberes profissionais podem ser identificados no decorrer da trajetória do professor, que vai desde a sua experiência enquanto aluno até à sua escolha pela profissão, enquanto os saberes pessoais ou da experiência são provenientes da família, da formação escolar e da formação cultural do professor (TARDIF, 2002). Estes saberes pessoais são aqueles que dizem da vida do professor enquanto pessoa, isto é, de sua vida social para além da escola, mas que, ao mesmo tempo, se traduz em sua vida profissional, como reafirma Tardiff (2002, p.11) ao dizer que:

> O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e com a identidade deles,

> com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola (...). Por isso é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente.

A discussão sobre os saberes e sua inferência no processo educativo encontra-se num momento bastante promissor na atualidade. Na formação de professores esta discussão vem assumindo um papel central na busca de entendimento da tessitura de seu repertório de necessidades para o exercício profissional. ´

Para Barcelos (2005) saber tem que ver com o conjunto de atividades que desenvolvo como um ser no mundo. É constituído pela diversidade de experiências vividas no fluir do viver cotidiano. Seriam, nesta perspectiva, as experiências artísticas de que participo, as músicas que ouço, os livros que li e que me tocaram, as viagens que realizei, os amores e desamores, as paixões que me atravessaram, as conversas que estabeleci.

Essa pesquisa busca dar visibilidade aos saberes pessoais ou da experiência, na medida em que entendo que a formação profissional é apenas uma parte do que constitui o ser professor. O professor é uma pessoa e parte da pessoa é o professor (NÓVOA, 1995; ABRAHAM, 1982).

Em acordo com Larrosa (2002), encaro a experiência e a formação como algo que escapa ao domínio técnico e racional, isto é, não será apenas a formação profissional que irá garantir minha atuação, mas sim aquilo que trago comigo enquanto experiência significativa, a partir do lugar onde me encontro e como re-significo minha vida pessoal e profissional. Da mesma forma, os saberes pessoais ou da experiência são abordados aqui, como forma de compreensão sobre o valor dos mesmos na formação profissional. Não apenas como aquilo que se espera do professor enquanto aparato

técnico-profissional, mas como um repertório de conhecimentos do ensino (GAUTHIER, 1998).

Torna-se fundamental no que diz respeito à formação docente considerar as diversas dimensões envolvidas no processo de construção da profissão professor, onde o profissional pode ser pensado como um modo de ser e existir como sujeito atuante em sua carreira. Neste sentido, o processo de formação profissional passa, necessariamente, pela produção de si, ou seja, do sujeito (PEREIRA, 2000).

Na perspectiva de pensar a formação/ autoformação como produção de si, me volto para a obra de Michel Foucault, mais especificamente para a História da Sexualidade, onde o autor toma o tema da sexualidade não a partir de uma perspectiva moral, mas de uma postura ética.

Neste sentido, ele coloca que em certas sociedades a "relação consigo é intensificada e desenvolvida" (FOUCAULT, 1985, p.47), sem que isso venha a contribuir para a intensificação do individualismo. Para ele, o cristianismo tratou de desqualificar os valores da vida privada, de modo que as relações de si para consigo foram reduzidas em sua significação.

Mesmo que tal atitude tenha trazido como conseqüência o enfraquecimento do individualismo, por outro lado, a época imperial, segundo o autor, foi marcada por um fenômeno denominado como *cultura de si*, onde as relações de si para consigo puderam ser intensificadas e valorizadas. Tal fenômeno parte do pressuposto da necessidade de se ter cuidados consigo, este é o "princípio do cuidado de si", tema que Foucault considera antigo na filosofia grega. Será Sócrates, no entanto, o responsável por consagrá-lo, de forma que esse pensador assume uma verdadeira *cultura de si,* descrita como "a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, [que] impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, em receitas, que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas" (Foucault, Idem, p.50).

Segundo Foucault, os epicuristas acreditavam que a filosofia deveria ser "considerada como exercício permanente dos cuidados consigo", princípio este também desenvolvido por Zenão e Sêneca. Este último utilizou-se de diversas expressões a fim de designar o que acreditava ser

uma forma de "tornar-se disponível para si próprio". Entretanto, o maior grau de elaboração sobre o tema, para Foucault, será fornecida em Epicteto, o qual apresenta em sua obra a definição de ser humano como o "ser a quem foi confiado o cuidado de si", encontrando-se neste ponto a principal diferença entre o seres humanos e os demais seres vivos, pois no caso dos últimos, a natureza encarregou-se de fazer com que eles, assim como os humanos não necessitassem de cuidados para com os mesmos. Deste modo, para Epicteto o cuidado de si torna-se "um privilégio-dever, um dom-obrigação, que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tornar-nos nós próprios como o objeto de toda a nossa aplicação" (Foucault, Ibidem, p.53). Para os filósofos, este será um princípio a ser seguido por toda a vida.

É importante notar que Foucault, como mostra Ortega (1999), não se fixa no nascimento do sujeito e sim acompanha o desenvolvimento do mesmo através de sua história. Ele não menciona o sujeito no nível da autoconsciência, visto que tal noção inexistia para os gregos. Foucault vai além, ao dizer que nem todas as relações consigo possuem a forma da autoconsciência. Assim ele menciona:

> Chamaria subjetivação ao processo pelo qual se produz a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade, o que evidentemente constitui somente uma das possibilidades dadas da organização da autoconsciência (FOUCAULT Apud ORTEGA, Ibidem, p.72).

Para desenvolver esta idéia, Foucault se reporta a autoconstituição grega, através do conceito de *uso dos prazeres*, além das formas que correspondem à subjetivação. "Trata-se da procura do uso correto, da moderação, a qual vai ser apresentada como arte e estilo de existência" (Ibidem, p.73). Trata-se da moderação como forma de liberdade, como

uma forma de poder exercida sobre si através do poder sobre os outros. Moderação vista como forma de relação consigo na época clássica grega.

A partir do que o autor estabeleceu como sendo uma relação agonística consigo mesmo, ele desenvolve dois modelos que constituem a estrutura autocrática do sujeito que correspondem ao modelo da vida doméstica e ao modelo da vida política. Estabelece-se assim uma relação de autodomínio no que concerne aos desejos, a qual segue o mesmo modelo na vida doméstica e na vida política.

> A relação consigo é isofórmica à relação de domínio, hierarquia e autoridade que regula, por um lado, a relação entre homem e mulher e entre governador e governado, por outro. O governo de si, a administração da casa e o governo da polis constituem três práticas do mesmo tipo (Ibidem, p.75).

No entanto, a moderação, a qual é exercida pelo homem livre, não diz respeito a uma lei ou a um código que deve ser seguido pelo sujeito, mas trata-se da procura de um estilo, diz respeito à estilização do comportamento, que surge através da estética da existência. Para os gregos, o domínio de si se destaca pela liberdade, sendo este o que Foucault entendia como condição ontológica da ética. É no mundo greco-romano que o cuidado de si assume o caráter de liberdade individual, sendo tomado enquanto postura ética.

> Mais importante é o fato de o princípio do cuidado de si haver ultrapassado seu âmbito ordinário e ter-se transformado em uma verdadeira práxis social. Em comparação com a época grega, podem-

> se estabelecer duas mudanças: por um lado, o cuidado de si não serve mais como preparação para a vida política, mas torna-se um fim em si mesmo, um princípio universal; por outro, não corresponde mais ao jovem heleno como parte de sua educação, sua *Paidéia*: representa agora uma forma de vida que abrange a totalidade da existência (Ibidem, p.79).

A transformação que se dará, neste sentido, será a substituição do isoformismo do cuidado de si e dos outros, pela idéia do exercício de autodomínio, não mais regida pelos critérios da estética da existência, mas sim pelo fato de pertencimento à comunidade humana. Tal modificação surge como conseqüência de mudanças na estrutura da pólis e no papel do vínculo matrimonial.

Deste modo, o cuidado de si assume um papel fundamental na constituição da arte do autoconhecimento, sendo que algumas das práticas se assemelham aquelas que serão observadas no ascetismo cristão como, por exemplo, "o exame da consciência, trabalho do pensamento sobre si sob a forma de um filtro das representações" (Ibidem, p.80). Entretanto, os objetivos não serão os mesmos do cristianismo, visto que o cuidado de si surge aqui como forma de dar uma autonomia do sujeito.

Assim, Foucault também estabelece a diferença entre a acepção da palavra moral, a qual adquire um significado a partir do cristianismo, visto que ela vem a ser entendida como um conjunto de regras e valores propostos aos indivíduos, como forma de agir nos diferentes grupos (família, Igreja, instituições educativas, etc.). Este conjunto de regras pode ser transmitido de uma forma explícita, na forma de uma doutrina coerente ou então de um modo mais difuso. Porém, Foucault entende que a moral tem a ver com:

> O comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores (...) (FOUCAULT, 1998, p.26).

A partir daí, os indivíduos e os grupos irão se orientar, ou seja, dependendo da cultura onde os mesmos se encontram, as regras podem ser mais ou menos explícitas. Entretanto, Foucault vai além ao dizer que uma coisa será a regra de conduta, a outra é como a conduta pode ser medida a essa regra. Outra coisa ainda é a forma, através da qual, o indivíduo se constitui como sujeito moral, "agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código" (Ibidem, p.27).

Existem ainda diferenças nas formas de elaboração do trabalho ético, o qual é efetuado sobre si mesmo, não apenas como um modo de definição do comportamento através da regra estabelecida, mas como tentativa de transformação de si mesmo, enquanto sujeito moral de sua conduta. É este o ponto que nos interessa, visto que Foucault, ao referir-se à conduta moral não a dissocia dos códigos de comportamento e das formas de subjetivação. Para ele, tais formas assumem autonomia, a qual será sempre relativa.

Assim, existem morais, que podem ser vinculadas às formas de subjetivação e às práticas de si, sendo que neste caso "a ênfase é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser" (Ibidem, p.30).

A questão que se coloca aqui, segundo Foucault, e que pode ser pensada como sendo o impasse para que o cuidado de si seja transformado em atitude, como ele acreditava que deveria ser, é justamente a herança da moral cristã, a qual nos ensinou que a renúncia ao si mesmo seria uma forma de salvação. É deste modo que o cristianismo, através de seus princípios morais, nos constitui como sujeitos e nos faz sentir culpa por nos ocuparmos de nós mesmos, "porque nuestra moralidade insiste en que lo que se debe rechazar es el sujeto" (FOUCAULT, 1995, p.54).

Pensar a formação a partir da cultura, para mim, assume um caráter de cuidado de si, através do qual o sujeito professor terá a possibilidade de estar em constante formação/transformação. Tal processo não irá se dar apenas durante sua formação profissional, mas no decorrer de toda a sua existência. Neste sentido, acredito que as experiências dos professores poderão tornar-se significativas e capazes de serem transformadas em práticas diferenciadas em sala de aula, produzindo sentido.

Acredito que a formação cultural como autoformação, através dos saberes da experiência tem sido relegada ao segundo plano e, muitas vezes, tem sido entendida como menos importante durante o processo de formação profissional ou então vem sendo confundida como aquilo que se espera do professor enquanto portador de uma cultura considerada padrão e que deve ser transmitida (GAUTHIER, 1998).

Se entendermos que cultura é tudo aquilo que se encontra ligado à vida em suas diversas formas, podemos dizer então que a escola, enquanto instituição social, e mais amplamente o sistema educativo, podem ser entendidos como "uma instância de mediação entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações" (PÉREZ GÓMES, 2001, p.11).

A pesquisa sobre o perfil dos professores brasileiros mostra dados referentes à relação dos docentes com a cultura. Neste ponto, são analisados os consumos culturais dos mesmos de acordo com suas preferências. Algumas questões foram realizadas no sentido de conhecer as práticas culturais dos docentes e de compreender a formação pessoal do professor como parte importante do processo educativo.

Neste sentido, utilizo tais dados, voltando o olhar para a cultura como a entendo e como apresentei anteriormente no texto. É deste modo que a cultura pode ser associada a tudo o que diz respeito à vida humana, nas suas mais diversas formas de existência (FOUCAULT, 1985). A cultura está presente tanto no cotidiano, nas atividades mais simples passando às mais elaboradas, sem que exista uma hierarquia entre as mesmas. "Assim sendo, um indivíduo humano é uma pessoa social quando integra e possui dentro dele uma experiência tornada individual do ser cultural de seu próprio mundo de vida cotidiana" (FOUCAULT, 1985, p.21).

A cultura, através dessa perspectiva, integra tudo o que se cria a partir do que é dado pela natureza. Isto é, diz respeito ao processo de transformação do que a natureza nos oferece em objetos e utensílios da vida social. É o que fazemos quando nos apropriamos de instituições como a família, o parentesco, o poder do estado, a religião, a arte, a educação e das ciências.

Entretanto, a cultura não é simplesmente cada uma destas instituições, "mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis" (BRANDÃO, 2002, p.24). Ou seja, a cultura compreende tanto os valores imaginários como os processos cotidianos, "através dos quais tornamos a vida social possível e significativa".

O estudo sobre o perfil dos professores demonstrou a importância de se conhecer em que condições os professores se encontram no Brasil e como lidam com as dificuldades do cotidiano. Neste sentido, é interessante notar que mesmo com as dificuldades em termos salariais ou por falta de condições de trabalho a maioria dos docentes, segundo a pesquisa do INEP, não trocaria a docência por outra profissão.

Meu trabalho realiza a interlocução teórica com as informações provenientes da análise documental, retirada da pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (MEC/INEP) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) denominada *Perfil dos Professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* A ênfase de análise recai sobre o capítulo *O perfil dos professores*, com ênfase especial para o sub-capítulo *Os*

professores segundo suas práticas culturais. A opção pelo referido material ocorre em função do entendimento sobre a abrangência e relevância de tal pesquisa como forma de contribuição para a discussão sobre a formação cultural dos professores no Brasil.

No que concerne às preferências culturais dos professores, de um modo geral, os gostos revelam o que se encontra no imaginário e nas práticas da população brasileira. Isto fica evidente no gosto pela música popular brasileira, rock nacional, pagode e forró. No interesse pela literatura de ficção, auto-ajuda e livros religiosos. E na preferência de atividades de lazer como a TV e o rádio.

Em relação à literatura, chamou a atenção o grande índice de docentes que indicam as revistas e livros científicos. Isso demonstra que os professores se ocupam da própria profissão. Segundo Fanfani (2007), existe ainda uma relação entre a idade e o interesse pelos temas de formação. Para este, o que explica tal diferença é que os mais jovens encontram mais necessidade de recorrerem ao saber escrito para resolver os problemas da profissão.

A pesquisa revelou também o vínculo dos professores com a profissão. Por um lado, destacaram-se as atividades ligadas à formação, mas por outro, é significativo o número de docentes que nunca buscam tais atividades – seminários, palestras, jornadas, congressos. Isso mostra que o incentivo em termos salariais e de carreira é o que move os docentes em relação à formação continuada.

Alguns dados relativos à percepção dos professores foram utilizados no trabalho como forma de aproximação do imaginário social dos docentes. Os comportamentos não diferem da opinião da população em geral. O que chama a atenção é o fato de que a Escola como uma instituição social está imersa em um discurso da inclusão da diferença e o que a pesquisa traz é um grande índice de rejeição ou indiferença a classes que são estigmatizadas socialmente como homossexuais, prostitutas e ex-presidiários.

A discussão sobre cultura neste trabalho foi apresentada a fim de analisar a legitimidade (alta cultura) ou ilegitimidade (subcultura, a simples

diversão). Isso se revela no momento em que os docentes são questionados quanto às preferências sobre os programas de TV, onde o maior interesse é por noticiários e documentários. Neste sentido, a hipótese é de que os docentes queiram ser reconhecidos como intelectuais e, por esta razão não revelam sua preferência por programas como novelas ou minisséries.

A cultura neste trabalho foi abordada como cultura de si, utilizando o conceito de Michel Foucault. Esse trouxe a possibilidade de entendimento da cultura dos professores como construção subjetiva, a partir da qual os mesmos se estruturam como sujeitos na cultura. O princípio da cultura de si seria a necessidade de se ter cuidados consigo mesmo.

O que foi possível perceber da análise documental da pesquisa sobre o perfil dos professores brasileiros é que as condições de trabalho dos mesmos acabam por limitar as relações de si para consigo. Ou seja, o fato de se ocuparem do trabalho, mesmo no tempo que deveria ser destinado a eles, torna-se um empecilho para se ter cuidados consigo. Isso não significa que o cuidado de si não seja exercido. O que ocorre é que o mesmo passa a ser exercido para o outro e como renúncia de si.

O fato de o cristianismo ter pregado a renúncia de si como forma de salvação faz com que os sujeitos renunciem ao cuidado de si. Isso é evidente no discurso dos professores e mostra que um dos princípios da educação encontra-se ligado à doação.

A contribuição do cuidado de si para a discussão da formação docente encontra-se justamente no sentido do que o próprio Foucault estabeleceu - cuidar de si para cuidar do outro. Governar a si para governar o outro. Cuidar-se como professor para ter cuidados com o aluno.

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, Ada. **El mundo interior de los enseñantes**. Barcelona: Gedisa, 1982

BARCELOS, Valdo. Paradoxos do humano – labirintos da liberdade em Octávio Paz. In. Anais das 4AS. Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia "**Sócrates, Octávio Paz, Michel Serres, José Saramago: Século XXI O desafio Socrático – Como Devir Humano, Uno e Múltiplos**". Lisboa: Piaget, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2003.

GAUTHIER, Clermont. Ensinar: Ofício Estável, Identidade Profissional Vacilante. In: Gauthier, C. et al. Por uma teoria da pedagogia. Ijuí: Unijuí, 1998.

LARROSA, Jorge. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____ **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Campinas. Revista Brasileira de Educação, Nº19, Jan/Abr, p.20-29, 2002.

_____ **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FANFANI, Emilio T. **La condidión docente: Análisis comparado de la Argentina, Brasil, Peru y Uruguay**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____A história da Sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ Tecnologias del yo y otros textos afines. Barcelona: Paidós, 1995.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias das suas vidas. In: **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

ORTEGA, Francisco. Amizade e Estética da Existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999.